**TÍTULO: FEMINISMOS E REDES SOCIAIS: (IN)AÇÕES E (IM)POSSIBILIDADES DE JOVENS DE PERIFERIA URBANA**

**MODIFICAÇÕES REALIZADAS NO ARTIGO:**

 Seguem abaixo as providências tomadas em relação ao parecer recebido. Em preto, consta o que foi solicitado e em vermelho as providências tomadas.

Na página 5, ao afirmar que o “movimento feminista brasileiro inicia-se na Europa”, o texto reproduz uma abordagem dos movimentos feministas que parece criticar anteriormente: a de uma leitura única, totalizante e homogênea do movimento, localizando seu protagonismo em mulheres de classes mais privilegiadas e brancas. Foi reformulada a redação para melhor sustentar o que estava posto originalmente.

É importante dialogar com outros movimentos de mulheres periféricas, racializadas, campesinas que aconteciam no país, e ainda que não se apresentassem a partir da bandeira explícita do feminismo, foram fundamentais para a construção das lutas contra as desigualdades de gênero. O artigo faz referência às multiplicidades que compõe o movimento feminista. Porém, é preciso esclarecer que as questões de raça/etnia e classe não constituem o foco principal de análise em nosso texto.

A afirmação de que a terceira onda estaria pautada por uma “defesa radical das escolhas individuais” restringe o entendimento deste movimento a um certo grupo de mulheres (majoritariamente brancas, escolarizadas, de classes médias e altas), e invisibiliza importantes discussões que têm sido pautadas não pela afirmação do indivíduo e do “direito a ser mulher”, mas pela desessencialização da categoria mulher. Essa discussão tem sido promovida pelos mais diferentes movimentos no campo do gênero e das sexualidades, como o de feministas negras, feministas chicanas, e a teoria queer. Recomenda-se que o texto traga uma visão mais complexificada desse debate, para evitar a reprodução de essencializações no texto. Visando melhorar a clareza do texto, a expressão “defesa radical das escolhas individuais” foi substituída por “defesa radical da multiplicidade de modos de vivenciar a experiência de gênero”. Destacamos que justamente tratamos neste parágrafo da desessencialização da categoria mulher, haja vista a sequência da frase que está no artigo: “criticando padrões que limitam quaisquer formas de exercício da sexualidade feminina e da própria constituição da feminilidade”.

Seria importante trazer outras autoras que propõem a categoria de quarta onda do feminismo, e não apenas Hollanda, uma vez que essa perspectiva não é consenso no movimento, como o próprio texto afirma. Além de Hollanda, o texto cita Furiosa. De qualquer modo, assumimos a existência de uma quarta onda e expomos nossas razões no artigo para isto. Acreditamos que seja o suficiente.

Além disso, o livro Explosão feminista, reiteradamente citado no trabalho, é organizado por Hollanda, mas os textos que o compõem são de autoria de diferentes autoras. Importante corrigir essa informação nas referências, indicando a organização, e sinalizar, ao longo do texto, de que autoria é cada uma das referências feitas. Se for de Hollanda, citar o texto da autora consultado nas referências, e não o livro como um todo. A ficha catalográfica do livro traz Hollanda como autora e não como organizadora. Utilizamos a autoria segundo este registro. A maioria dos capítulos do livro foi escrita em parceria com outras autoras, porém o primeiro foi escrito somente por ela. Cabe destacar que segundo a própria introdução do livro, a autoria é de Hollanda e os capítulos, segundo a autora, foram escritos *com* feministas jovens, em um processo de escrita compartilhada. No texto, marcamos na forma de coautoria os capítulos utilizados. Embora algumas ideias atravessem mais de um capítulo, optamos por referir aquele em que ela estaria mais presente. Entretanto, não utilizamos a expressão org. nas referências.

O diálogo com a definição de “clickativismo” de White soa um tanto estranho no modo como é apresentado. Por essa definição, o ativismo nas redes é colocado como algo único, que produziria passividade política. Entretanto, nos fenômenos que têm sido relacionados à dita quarta onda, observamos uma diversidade, complexidade e potência que não dialogam com essa definição. E o “ganhar as ruas” atualmente não têm se organizado fora das redes, então os fenômenos precisam ser pensados de maneira articulada, e não somatória. Acredito que não tenhamos divergências com a avaliadora e que seja apenas uma redação pouco clara que tenha deixado esta impressão. Trabalhamos esta parte do texto para dar maior clareza.

Recomenda-se que o texto de Sorj e Gomes seja lido e citado diretamente no texto, sem apud, por se tratar de uma produção sobre o movimento que se pretende analisar. OK - <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000200007>

Comentar mais detidamente a escolha dos materiais audiovisuais para as atividades realizadas nos grupos de discussão. Realizamos descrição da escola no texto.

Sobre a “exibição dos disparadores” (p. 12), comentar: como a atividade foi proposta e o material audiovisual apresentado? Como as facilitadoras localizaram a discussão na pesquisa? Foram inseridas na p. 12 as informações solicitadas.

Sobre o estereótipo do “sexo frágil”, e de como ele não contempla mulheres de periferia, recomenda-se aprofundar a discussão a partir da racialização desse grupo, como tem sido proposto por feministas negras, processo que explicita os contornos raciais (brancos) da ideia de mulher essencializada. A deseumanização e hipersexualização de mulheres racializadas promove efeitos nas concepções sobre os territórios periféricos, repercutindo, inclusive, sobre mulheres brancas moradoras de periferia. A esse respeito, ver bell hooks, Djamila Ribeiro. Foi introduzida a nota de rodapé 9 para justificar a razão de não tratarmos da questão da racialização feminina no artigo.

O comentário das falas das participantes na página 15, a partir de material produzido pelo Comitê Invisível, equivale participar de uma organização a pertencer a um movimento político. Seria importante dialogar essa afirmação, discutindo seus possíveis efeitos e limitações a partir do que foi analisado na primeira parte do texto. As jovens disseram que identificam o feminismo a um movimento político? Como seria isso? Esta parte do parecer ficou um tanto confusa. Porém, acreditamos que no texto está claro que as jovens aderem a ideias e discursos feministas, mas não o identificam com movimentos sociais organizados, coletivos ou mesmo como uma ação política. Optamos por não realizar modificações no artigo em relação a este ponto.

Na análise do material de campo é importante trazer autoras feministas que estejam pensando os movimentos sociais e ativismos contemporâneos a partir de pautas e mobilizações de gênero. Isso seria mais proveitoso para a análise do que se deter em autores como Castells. Recomendo a interlocução com o livro #MeuAmigoSecreto: Feminismo além das redes (coletivo Não Me Kahlo), que discute questões que têm sido pautadas nas redes sociais, mas ganham contornos na vida cotidiana – pensadas sob olhares teóricos feministas. Respeitosamente, discordamos da parecerista. Acreditamos que Castells seja um autor muito potente para embasar as discussões do artigo. Contudo, mesmo sem excluí-lo, inserimos a obra sugerida no quadro teórico que dá sustentação às análises.

Nas considerações finais, a afirmação “A quarta onda do feminismo caracteriza-se mais pela ética do que pela ideologia” precisaria ser melhor discutida. O que se entende por ideologia aqui? E por que ela estaria ausente da quarta onda do feminismo? Pelo descrito na análise do material de campo, é possível reconhecer traços ideológicos neoliberais em várias das características apontadas na dita quarta onda do feminismo. Recomenda-se revisar esta passagem. Talvez a avaliadora não concorde, mas desenvolvemos análises e também a conclusão na perspectiva defendida já por Foucault em 1984 e retomada pelo Comitê Invisível e por Hollanda de que as insurreições hoje têm mais ênfase na ética, entendida em uma perspectiva foucaultiana como a relação do ser consigo, do que na política. Para maior clareza, foi colocada uma nota de rodapé (n. 4) esclarecendo o conceito de ética que utilizamos. Observe-se que não falamos de ausência de ideologia, mas em menor ênfase. Além disto, a partir da perspectiva teórica que nos situamos e tomando o conceito foucaultiano de governamentalidade, o neoliberalismo é uma racionalidade que se atravessa no tecido social de forma microfísica. Ou seja, os elementos que caracterizam o neoliberalismo são assumidos de modo naturalizado e não problemático pelos sujeitos. Portanto, é altamente provável que ao pesquisar com jovens de periferia, apareçam os traços da governamentalidade neoliberal em suas falas. Porém, para desenvolvermos problematizações neste sentido seria necessária uma discussão teórica e depois um exercício analítico que não caberia nos limites deste texto.